



A trajetória acadêmica dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista no ensino superior: uma revisão sistemática da literatura

The Academic Trajectory of Students with Autism Spectrum Disorder in Higher Education: A Systematic Literature Review

Manuella de Oliveira Matta

Graduanda em Engenharia de Produção
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
<https://orcid.org/0009-0009-1449-9096>
manuellamatta.academico@gmail.com

Laura de Sá Aguiar

Graduanda em Engenharia de Produção
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
<https://orcid.org/0009-0000-1964-0524>
laur4aguiar@gmail.com

Lucas Velloso Delacastro Santos

Graduando em Engenharia de Produção
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
<https://orcid.org/0009-0001-5455-4311>
lucasveloso89@gmail.com

Pedro Henrique Motta da Silva

Graduando em Engenharia de Produção
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
<https://orcid.org/0009-0001-5455-4311>
pedromottadasilva2016@gmail.com

Ana Carla de Souza Gomes dos Santos

Doutora em Engenharia de Produção e Sistemas
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
<https://orcid.org/0000-0002-6205-7454>
ana.carla@ifrj.edu.br

Nota editorial:

Este artigo é uma versão revisada de trabalho selecionado no *fast-track* do XI Congresso Internacional de Logística do IFSP (IFLOG) para publicação na Revista REGRASP.

Histórico do artigo

Recebido: 28 dez. 2025

Aprovado: 06 mar. 2026

Publicado: 19 mar. 2026

RESUMO

A educação superior inclusiva representa um desafio diante do aumento significativo de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas universidades públicas. Embora o acesso tenha se ampliado por meio de políticas afirmativas, a permanência e o sucesso acadêmico desses estudantes ainda enfrentam barreiras estruturais, metodológicas e socioemocionais. Este estudo tem como objetivo analisar o papel do suporte

psicopedagógico na trajetória acadêmica de estudantes com TEA, identificando as iniciativas institucionais existentes, os desafios enfrentados e os impactos desse apoio na permanência e no desempenho acadêmico no ensino superior. A metodologia aplicada foi a Revisão Sistemática da Literatura, seguindo o protocolo PRISMA. A busca foi realizada na base Scopus, resultando em 16 artigos selecionados para análise. Os resultados indicam que, embora os Núcleos de Acessibilidade representem um avanço, sua efetividade é limitada por falta de recursos, articulação institucional e formação docente específica. Persistem barreiras atitudinais e socioemocionais que comprometem a inclusão plena. Conclui-se que a consolidação de uma cultura universitária inclusiva requer uma abordagem sistêmica e colaborativa, com investimento em apoio psicopedagógico, formação continuada e políticas permanentes que promovam a valorização da neurodiversidade.

Palavras-chave: inclusão; autismo; universidade; ensino superior; revisão sistemática da literatura.

ABSTRACT

Inclusion in higher education represents an ongoing challenge given the significant increase in students with Autism Spectrum Disorder (ASD) enrolled in public universities. Although access has expanded through affirmative action policies, the retention and academic success of these students continue to face structural, methodological, and socio-emotional barriers. This study aims to analyze the role of psychopedagogical support in the academic trajectory of students with ASD, identifying existing institutional initiatives, the challenges encountered, and the impacts of such support on retention and academic performance in higher education. The methodology employed was a Systematic Literature Review following the PRISMA protocol. The search was conducted in the Scopus database, resulting in 16 articles selected for analysis. The findings indicate that, although Accessibility Centers represent progress, their effectiveness is limited by a lack of resources, institutional coordination, and specific teacher training. Attitudinal and socio-emotional barriers persist, hindering full inclusion. It is concluded that consolidating an inclusive university culture requires a systemic and collaborative approach, with investment in psychopedagogical support, continuous professional development, and permanent policies that foster the appreciation of neurodiversity.

Keywords: inclusion; autism; university; higher education; systematic literature review.

Introdução

A educação é reconhecida como um direito humano fundamental e um dever do Estado, sendo condição essencial para o desenvolvimento pessoal e social. Nas últimas décadas, o debate sobre inclusão e equidade educacional ganhou centralidade, sobretudo diante do desafio de garantir não apenas o acesso, mas também a permanência de grupos historicamente marginalizados no ensino superior. No Brasil, esse princípio está assegurado pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, que estabelece que a educação é um direito de todos (Brasil, 1988), e reforçado por legislações posteriores, como a Lei Brasileira da Pessoa com Deficiência (Brasil, Lei nº 13.146, 2015), que consolidaram a necessidade de reestruturar práticas educacionais para acolher e promover a diversidade acadêmica, especialmente no nível universitário.

Essa necessidade de reestruturação ganhou impulso prático com a implementação de políticas de ação afirmativa. A Lei de Cotas (Brasil, Lei nº 12.711, 2012), especialmente após sua atualização para incluir pessoas com deficiência (Brasil, Lei nº 13.409, 2016), representou um marco no processo de democratização do acesso ao ensino superior, ampliando a presença de grupos historicamente sub-representados nas universidades públicas. Os dados confirmam esse avanço, segundo o Censo da Educação Superior (INEP, 2023), o número de matrículas de estudantes público-alvo da educação especial, incluindo pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), cresceu 119% no período entre 2018 e 2023, alcançando quase 16 mil autistas matriculados em cursos de graduação. Esse crescimento, embora represente uma conquista de direitos, impõe o desafio urgente de ir além do acesso e de assegurar condições efetivas para a permanência e o sucesso acadêmico.

O TEA caracteriza-se por alterações persistentes na comunicação social e em padrões restritos e repetitivos de comportamento, frequentemente acompanhadas de diferenças no processamento sensorial e em funções executivas (Silva, Gaiato & Reveles, 2012). No contexto universitário, tais características podem se refletir em dificuldades para participar de aulas e trabalhos em grupo, lidar com ambientes super estimulantes (salas lotadas, barulho, iluminação), organizar rotinas de estudo, planejar atividades e gerir prazos — comprometendo tanto o rendimento quanto o bem-estar dos estudantes (Anderson, Stephenson & Carter, 2017). É importante destacar que o TEA apresenta diferentes níveis de suporte necessários, de modo que indivíduos com maior comprometimento podem apresentar deficiência intelectual associada e permanecer dependentes de ajuda (Silva, Gaiato & Reveles, 2012). Diante desse cenário, o suporte psicopedagógico configura-se como um recurso estratégico para mediar essas dificuldades, por meio de avaliações individualizadas, orientações ao estudante, adaptações metodológicas e ações de formação junto ao corpo docente, ampliando a acessibilidade pedagógica e favorecendo a permanência acadêmica.

Apesar dos avanços normativos e do crescimento do número de matrículas, observa-se que a permanência de estudantes com TEA nas universidades públicas, principalmente no Brasil, ainda enfrenta entraves significativos. Muitas instituições não dispõem de serviços estruturados de apoio psicopedagógico, ou quando os oferecem, estes são fragmentados e pouco articulados às necessidades reais dos estudantes (Tomelin et al., 2018). Essa lacuna resulta em dificuldades de adaptação, baixo desempenho acadêmico e, em diversos casos, na evasão, revelando um descompasso preocupante entre o direito assegurado legalmente e a prática institucional. Como destaca Whalon (2018), garantir o ingresso é apenas a primeira etapa do processo inclusivo, portanto, cabe às universidades promover condições que sustentem a participação plena, a aprendizagem significativa e a equidade no percurso formativo.

Embora a literatura sobre inclusão educacional seja vasta, grande parte dos estudos

concentra-se na educação infantil e básica, discutindo práticas voltadas ao desenvolvimento de crianças com TEA. Em contrapartida, existem poucas pesquisas que abordem o ensino superior, especialmente no que se refere à estruturação, operacionalização e eficácia do suporte psicopedagógico oferecido a esses estudantes. Tal fenômeno evidencia a urgência de estudos que investiguem não apenas a oferta de serviços, mas também sua efetividade na promoção da permanência, do desempenho acadêmico e do bem-estar dos estudantes com TEA, a fim de que as políticas de inclusão deixem de ser apenas formais e se tornem efetivamente transformadoras.

A relevância deste estudo é dupla. Socialmente, a pesquisa contribui para que o ingresso de estudantes com TEA nas universidades públicas não se limite ao acesso formal, mas se traduza em permanência bem-sucedida, aprendizado efetivo e maior equidade nas oportunidades acadêmicas e profissionais. Cientificamente, o trabalho busca preencher a lacuna existente na literatura sobre ensino superior, ao investigar como o suporte psicopedagógico é estruturado e qual seu impacto na trajetória desses estudantes. Dessa forma, os achados poderão subsidiar a formulação de políticas, práticas institucionais e estratégias pedagógicas mais eficazes, a fim de promover uma inclusão ampla e consistente.

Diante desse cenário, esse trabalho levanta o seguinte questionamento: **De que forma as universidades públicas têm estruturado o suporte psicopedagógico para acompanhar a trajetória de estudantes com Transtorno do Espectro Autista?**

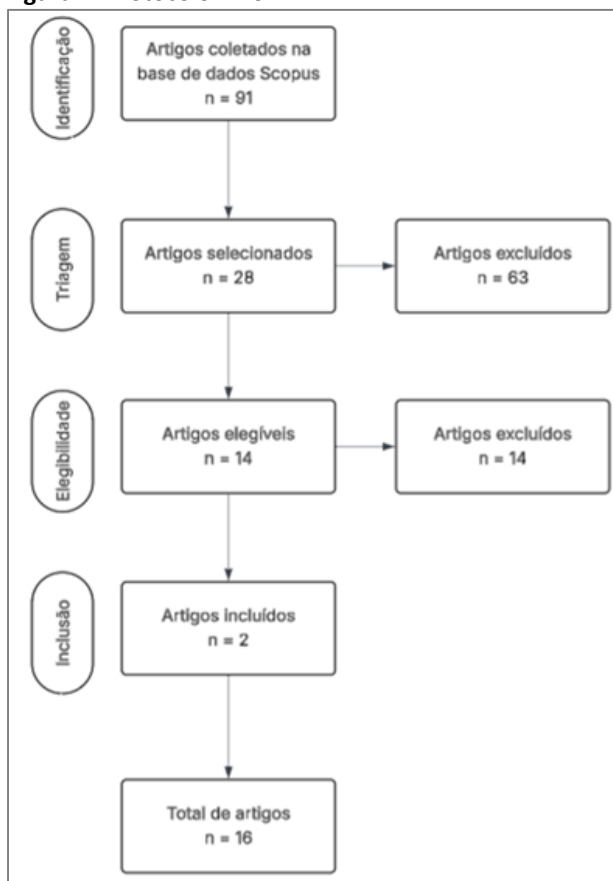
A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o papel desse suporte na trajetória acadêmica dos estudantes com TEA, buscando compreender de que maneira ele influencia sua permanência e desempenho. Para tanto, foram definidos três objetivos específicos: (1) identificar as iniciativas e metodologias de suporte psicopedagógico que as universidades públicas oferecem a estudantes com TEA; (2) investigar os desafios enfrentados por esses estudantes na trajetória acadêmica; e (3) analisar o impacto do apoio psicopedagógico na permanência e o desempenho acadêmico.

Além desta introdução, o artigo está organizado em 3 seções principais. A segunda seção descreve a metodologia adotada, bem como os procedimentos de coleta e análise de dados. Na terceira seção, são apresentados os resultados e discussões. Por fim, a quarta seção contempla as considerações finais sobre o estudo.

Metodologia

O presente estudo adota uma abordagem de pesquisa qualitativa e de natureza exploratória, com o objetivo de mapear o conhecimento científico produzido sobre o suporte psicopedagógico a estudantes com TEA no ensino superior das universidades públicas. Para alcançar este objetivo, a metodologia aplicada foi a Revisão Sistemática da Literatura. Esta estratégia consiste em um protocolo com etapas rigorosamente definidas e planejadas para responder à questão de pesquisa de forma abrangente e transparente (Biolchini et al. 2005). Para assegurar o rigor e a rastreabilidade na condução da Revisão Sistemática da Literatura, o estudo seguiu o protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher et al., 2009), que guiou as fases de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão da pesquisa. O fluxo detalhado das etapas é apresentado na Figura 1.

Figura 1. Protocolo PRISMA



Fonte: Os autores, 2023.

Primeiramente, foram definidos os termos de busca para realizar o levantamento de artigos que estavam na intersecção dos temas Transtorno do Espectro Autista (TEA), ensino superior e suporte acadêmico. Os termos de busca utilizados na base de dados foram (*Student* OR Undergraduate*) AND *Autism* AND (*Public Universit* OR "higher education"*). O operador booleano OR foi utilizado entre duas ou mais palavras para contemplar as diferentes formas de referir-se aos estudantes e ao ambiente acadêmico. O operador booleano AND possibilitou a intersecção precisa entre os termos, excluindo artigos que não fossem aderentes ao tema e ao objeto de estudo. A utilização do símbolo (*) permitiu que fosse contabilizado qualquer termo que tivesse como prefixo a palavra-chave que o antecede.

A base utilizada foi a Scopus, por ser amplamente reconhecida como a maior base de dados bibliométricos e uma das principais bases de citação padrão (Filser, Silva & Oliveira, 2017; Cisneros et al., 2018). Não foram aplicados filtros de idioma ou intervalo temporal, a fim de não restringir o número de publicações, tendo em vista o baixo volume de resultados obtidos. Contudo, foi aplicado um filtro específico para o tipo de documento, de modo que apenas artigos científicos revisados por pares foram incluídos. Portanto, documentos como capítulos de livros e anais de eventos foram excluídos e foram consideradas as publicações disponíveis até a data de realização da busca, que finalizou no dia 30 de setembro de 2025. A aplicação desses parâmetros resultou na identificação inicial de 91 artigos. Em seguida, durante a etapa de seleção, 63 artigos foram eliminados após leitura de título e resumo, por não apresentarem relação direta com o tema central. Os 28 artigos remanescentes foram submetidos à leitura na íntegra para confirmação de elegibilidade e relevância. Nesta fase final, 14 artigos foram excluídos por apresentarem ausência de dados empíricos, foco secundário em relação ao suporte psicopedagógico ou níveis de ensino distintos do superior. Adicionalmente, 2 artigos foram incluídos por busca manual, em razão de sua pertinência metodológica e aderência

temática, uma vez que apresentavam dados empíricos e análises compatíveis com os objetivos da revisão, mesmo que não tenham sido recuperados na busca inicial automatizada, apresentavam aderência plena aos descritores da pesquisa e contribuíram para o aprofundamento teórico da discussão, totalizando 16 artigos que compuseram a amostra final de análise do presente estudo.

Os artigos foram organizados em planilha, a fim de identificar as iniciativas e metodologias de suporte psicopedagógico, os desafios enfrentados por esses estudantes na trajetória acadêmica e o impacto do apoio psicopedagógico na permanência e no desempenho acadêmico.

Resultados e Discussão

Os resultados e discussão são apresentados conforme o delineamento dos objetivos específicos. Dessa forma, são analisadas as iniciativas e metodologias de suporte psicopedagógico oferecidas pelas universidades públicas a estudantes autistas, assim como os desafios enfrentados ao longo da trajetória acadêmica e os impactos desse apoio na permanência e no desempenho acadêmico.

Iniciativas e metodologias de suporte psicopedagógico oferecido pelas universidades públicas a estudantes com TEA

O suporte psicopedagógico na trajetória de estudantes com TEA em universidades públicas se materializa majoritariamente por meio dos Núcleos de Acessibilidade (NAs) ou setores equivalentes (Dymond, Meadan & Pickens, 2017). A existência formal desses núcleos é uma resposta direta à legislação, como a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, Lei nº 13.146, 2015), que exige a disponibilização de recursos de acessibilidade e tecnologia assistiva. O processo formal de acesso ao suporte geralmente exige a apresentação de laudo médico e o cumprimento de critérios institucionais, como entrevistas de acolhimento. Contudo, pesquisas indicam que o modelo de atuação desses NAs é frequentemente limitado por escassez de recursos humanos e financeiros diante de uma demanda crescente de matrículas de estudantes com TEA, o que impacta diretamente na qualidade e na consistência do apoio oferecido (Dymond, Meadan & Pickens, 2017).

Apesar da institucionalização dos NAs, a literatura especializada aponta para um déficit na especificidade do suporte oferecido ao estudante autista, muitas vezes tratando o TEA de forma genérica dentro da categoria de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (PNEE) (Olivati & Leite, 2019; Dias et al., 2021). Estratégias psicopedagógicas cruciais, como a adaptação e flexibilização curricular, o uso de roteiros e esquemas de estudo e a capacitação docente, são apontadas como necessárias, mas nem sempre efetivas na prática universitária (Olivati & Leite, 2019; Kim 2022). Em muitos casos, o apoio se restringe à disponibilização de monitores ou bolsistas acompanhantes para suporte acadêmico e social, o que, embora valioso, não substitui a necessidade de adaptações metodológicas sistemáticas em sala de aula e nas avaliações (Dymond, Meadan & Pickens, 2017; Vadnjaj & Radoja, 2020).

A eficácia do suporte institucional é severamente comprometida pela falta de articulação entre os NAs e os demais órgãos universitários. Relatos de estudantes indicam que o apoio oferecido é percebido como deficitário ou inexistente, evidenciando uma lacuna entre a política formal de inclusão e sua execução pedagógica (Olivati & Leite, 2019; Dias et al., 2021). Portanto, o suporte psicopedagógico nas universidades públicas ainda se encontra em um estágio de desenvolvimento e consolidação. Embora a presença dos NAs constitua o aparato formal de apoio, a sua efetividade é constantemente questionada pela literatura, que clama pela urgente necessidade de formação docente específica e pela elaboração de Planos Educacionais Individualizados (PEI) no ensino superior (Olivati & Leite, 2019; Dymond,

Meadan & Pickens, 2017). O sucesso na trajetória acadêmica desses estudantes depende não apenas da oferta de um núcleo de apoio, mas de uma verdadeira cultura de acessibilidade e acolhimento que integre as demandas psicopedagógicas específicas do autismo às práticas cotidianas de ensino-aprendizagem, mitigando as barreiras atitudinais que persistem como o maior desafio à permanência (Dias et al., 2021).

Desafios enfrentados pelos estudantes com TEA na trajetória acadêmica

No que diz respeito aos desafios vivenciados pelos estudantes com TEA no ensino superior, pode-se notar que eles vão além do desempenho acadêmico e dificuldade com o conteúdo abordado em suas grades curriculares, de modo que os alunos também enfrentam obstáculos no âmbito socioemocional e com o acesso ao atendimento especializado ao qual têm direito. Nesse sentido, esses desafios ocorrem não apenas pela escassez de recursos, mas também em razão das relações humanas que constroem, informam e reforçam a todo o momento, a incapacidade dos alunos (Kassar, 2016).

Os estudos científicos realizados em Instituições de Ensino Superior (IES) confirmam essa conjectura. De acordo com Kim e Crowley (2021), assistências como tempo extra nas provas e uma sala de aula individualizada para o estudante realizá-las fizeram grande diferença para os alunos neurodivergentes. No entanto, o fato de eles estarem em um espaço físico diferente dos professores fizeram com que a comunicação entre eles fosse prejudicada, afetando negativamente seu desempenho acadêmico. Os autores Vadnjal e Radoja (2020) também expuseram, em seus estudos, a falta de preparo dos professores para lidar com alunos autistas, de modo que a maioria dos docentes confessaram que não foram treinados de maneira adequada para lidar com tal desafio.

Em relação ao âmbito socioemocional, um levantamento realizado nas universidades estadunidenses do estado de Indiana comprovou que estudantes com TEA tendem a sofrer mais *bullying* e transtornos mentais no ambiente acadêmico do que estudantes neurotípicos (McLeod, Meanwell & Hawbaker, 2019). Não obstante, as entrevistas conduzidas por Olivati e Leite (2019) permitiram constatar que dos cinco estudantes entrevistados, dois relataram ter passado por crise de ansiedade e depressão na universidade.

Segundo Kim e Crowley (2021) e Kim (2022), alguns núcleos de atendimento a pessoas com deficiência não contavam com profissionais totalmente capacitados para lidar com alunos neurodivergentes. Os estudantes relataram a falta de esclarecimento desses profissionais sobre a variedade de níveis de suporte existentes no espectro autista. Olivati e Leite (2019), por sua vez, ouviram um relato de uma estudante que disse que ao procurar sobre a existência de um serviço de apoio oferecido pela universidade, a instituição esclareceu que não havia nada que eles pudessem fazer para ajudá-la a resolver seus problemas acadêmicos decorrentes do TEA. Além disso, os autores das duas pesquisas também enfatizaram as dificuldades burocráticas enfrentadas pelos estudantes para conseguirem acesso ao serviço de apoio psicopedagógico.

Diante do exposto, torna-se evidente que as universidades, de modo geral, ainda não estão plenamente preparadas para acolher adequadamente o crescente número de estudantes com TEA, cujo ingresso no ensino superior tem aumentado ao longo dos anos. Por outro lado, esses estudantes enfrentam múltiplos desafios, tanto pela ausência de recursos (humanos, financeiros e metodológicos) quanto de questões relacionadas ao aspecto socioemocional. Nesse cenário, é fundamental que universidades, Estado e família atuem de forma integrada e colaborativa, a fim de minimizar as barreiras existentes, implementar ações efetivas e garantir que o direito à educação seja plenamente assegurado a todos.

Impacto do apoio psicopedagógico na permanência e no desempenho acadêmico

Os estudos analisados evidenciam que a efetividade das práticas inclusivas voltadas a estudantes com TEA no ensino superior depende de múltiplos fatores interligados, incluindo aspectos institucionais, pedagógicos e psicossociais. Em geral, os achados convergem para a compreensão de que o ingresso desses discentes representa apenas o primeiro passo do processo inclusivo. Torna-se indispensável fortalecer as condições de permanência e de sucesso acadêmico (Olivati & Leite, 2019; Kim & Crowley, 2021).

No eixo dos apoios pedagógicos e tecnológicos, Huffman et al. (2019) demonstraram resultados expressivos com o aplicativo de automonitoramento I-Connect, que elevou o engajamento de um estudante com TEA de 31,4% para 86,6% em tarefas acadêmicas. Esse achado reforça a importância das tecnologias assistivas como ferramentas de mediação cognitiva capazes de favorecer autonomia e autorregulação, aspectos também destacados por Reed, Hallett e Rimel (2016) ao analisarem estratégias instrucionais como o ensino de anotações guiadas. Em complemento, McKenney e Bristol (2015) evidenciaram que a precisão na aplicação de métodos estruturados, como o *Discrete Trial Teaching* (DTT), depende diretamente da formação e do *feedback* contínuos do docente, o que reforça a necessidade de programas de capacitação especializados nas universidades.

A dimensão institucional e das políticas de apoio também se mostrou determinante. Anderson, Stephenson e Carter (2017) observaram que estudantes autistas matriculados em instituições com serviços de apoio estruturados apresentaram maiores taxas de conclusão e menor evasão. De modo semelhante, Guimarães, Borges e Van Petten (2021) identificaram que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a participação ativa da família são fatores decisivos para a manutenção das trajetórias acadêmicas, embora sua utilização ainda seja limitada por desconhecimento ou falta de articulação entre escola, universidade e comunidade. Esses resultados dialogam com as análises de Shibuta, Costa e Santos (2021), que, ao investigarem a inclusão de autistas no ensino superior público brasileiro, destacaram a carência de políticas institucionais claras e de infraestrutura adequada, o que compromete a efetividade da inclusão, apesar dos avanços legais.

No que se refere à dimensão psicossocial e às experiências subjetivas, estudos como o de McLeod, Meanwell e Hawbaker (2019) revelam que estudantes com TEA apresentam níveis significativamente mais elevados de estresse social e sentimento de isolamento em comparação a colegas neurotípicos. Esses desafios também foram observados por Olivati e Leite (2019), cujos relatos evidenciam a importância de espaços de acolhimento e de compreensão das diferenças comunicativas e comportamentais como elementos fundamentais para o bem-estar e o desempenho acadêmico. Munimos (2023), ao tratar de autistas no ensino regular, amplia essa reflexão ao apontar que o desconforto institucional com a diferença frequentemente resulta em práticas excludentes sutis, um fenômeno que se estende ao contexto universitário e evidencia a necessidade de uma cultura formativa mais sensível à neurodiversidade.

Estudos internacionais destacam que a formação docente e a preparação profissional ainda são aspectos críticos. Alzahrani e Brigham (2017) verificaram lacunas significativas na formação de professores de educação especial em programas voltados ao TEA, tanto em termos de conhecimento teórico quanto de estratégias práticas de ensino. Essa constatação encontra eco em Dymond, Meadan e Pickens (2017), que observaram a falta de alinhamento entre o discurso inclusivo e a prática pedagógica cotidiana nas universidades. Tal discrepância contribui para a manutenção de barreiras atitudinais e metodológicas, limitando o potencial de inclusão efetiva.

De modo geral, os achados da revisão apontam para uma inclusão ainda desigual, dependente da conjunção entre estrutura institucional, qualificação profissional e suporte social. Embora

as experiências relatadas evidenciem avanços significativos, especialmente na ampliação do acesso e no uso de tecnologias assistivas, persistem desafios relacionados à formação docente, à sensibilização da comunidade acadêmica e à consolidação de políticas de acompanhamento contínuo. Assim, promover a inclusão de estudantes com TEA no ensino superior exige uma abordagem sistêmica e colaborativa, na qual o investimento em apoio pedagógico, suporte emocional e formação especializada se torne parte estruturante do compromisso universitário com a diversidade.

Conclusão

A inclusão de estudantes com TEA no ensino superior é um tema de crescente relevância, especialmente diante do aumento da diversidade estudantil e das políticas de acesso às universidades públicas. Este estudo buscou analisar o papel do suporte psicopedagógico na trajetória acadêmica desses estudantes, considerando as iniciativas institucionais, os desafios enfrentados e os impactos desse apoio na permanência e no desempenho acadêmico.

Para alcançar esses objetivos, os autores realizaram uma revisão sistemática da literatura, com base nas etapas estabelecidas pelo Protocolo PRISMA, que permitiu mapear e sintetizar estudos recentes sobre práticas psicopedagógicas voltadas a estudantes com TEA nas universidades públicas. Com base nos resultados encontrados, é possível responder aos objetivos propostos.

Em relação às iniciativas e metodologias de suporte psicopedagógico, foi identificado que as universidades públicas possuem núcleos de acessibilidade ou setores equivalentes e oferecem uma variedade de estratégias, incluindo atendimento individualizado, acompanhamento acadêmico, adaptações curriculares e programas de acolhimento. Por outro lado, os núcleos sofrem com escassez de recursos humanos e financeiros, profissionais qualificados na área e falta de sensibilização da comunidade acadêmica.

Apesar das iniciativas de suporte das instituições de ensino, os estudantes com TEA enfrentam barreiras estruturais, metodológicas e socioemocionais, como falta de formação específica de docentes, inadequações nos ambientes de aprendizagem e dificuldades de socialização. Esses desafios impactam diretamente a permanência e a experiência acadêmica dos estudantes.

A revisão sistemática evidencia que a efetividade da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino superior depende da articulação entre fatores institucionais, pedagógicos e psicossociais. Os estudos apontam que o ingresso desses discentes é apenas o início do processo inclusivo, sendo essencial garantir condições de permanência e sucesso acadêmico. Tecnologias assistivas e estratégias pedagógicas estruturadas demonstram potencial para promover autonomia e engajamento, enquanto políticas institucionais claras, formação docente contínua e suporte emocional adequado se mostram decisivos para a efetividade da inclusão. Apesar dos avanços no acesso e nas práticas inclusivas, persistem desafios ligados à qualificação profissional, à sensibilização da comunidade acadêmica e à consolidação de políticas permanentes, evidenciando a necessidade de uma abordagem sistêmica e colaborativa voltada à valorização da neurodiversidade.

Apesar dos resultados obtidos, este estudo apresenta algumas limitações. A utilização de uma única base de dados, a Scopus, aliada à escolha restrita dos termos de busca, pode ter limitado a recuperação de um número maior de documentos relevantes. Além disso, a indisponibilidade de acesso a alguns artigos também restringiu a abrangência da análise.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a utilização de outras bases de dados, como a *Web of Science*, bem como a ampliação dos termos de busca e tipos de documentos analisados. Para estudos centrados em universidades brasileiras, sugere-se incluir pesquisas em outros idiomas, como português e espanhol, uma vez que a restrição ao inglês limitou a identificação

de estudos com foco no Brasil. Recomenda-se, ainda, a realização de análises comparativas entre universidades públicas e privadas, assim como entre países em desenvolvimento e desenvolvidos. Além disso, estudos empíricos que investiguem o impacto direto das estratégias psicopedagógicas na experiência acadêmica de estudantes com TEA, incluindo a perspectiva dos próprios estudantes, seriam valiosos. Pesquisas sobre a formação docente e a construção de ambientes universitários inclusivos também se mostram promissoras para aprofundar o tema.

Em síntese, este estudo evidencia que o suporte psicopedagógico desempenha papel fundamental na trajetória acadêmica de estudantes com TEA, contribuindo para sua permanência, adaptação e sucesso no ensino superior. Contudo, é necessário avançar em políticas institucionais mais estruturadas, formação docente específica e práticas pedagógicas inclusivas para consolidar um ambiente acadêmico verdadeiramente equitativo.

Referências

- Alzahrani, A. N., & Brigham, F. J. (2017). Evaluation of special education preparation programs in the field of autism spectrum in Saudi Arabia. *International Journal of Special Education*, 32(4), 748–761.
- Anderson, A., Stephenson, J., & Carter, M. (2017). Supporting students with autism spectrum disorder in higher education: A review. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 38, 1–12.
- Anderson, A. H., Stephenson, J., & Carter, M. (2017). A systematic literature review of the experiences and supports of students with autism spectrum disorder in postsecondary education. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 39, 33–53.
- Biolchini, J., Mian, P. G., Natali, A. C. C., Conte, T. U., & Travassos, G. H. (2005). Systematic review in software engineering (Technical Report). COPPE/UFRJ.
- Brasil. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Senado Federal.
- Brasil. (2012). Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Diário Oficial da União.
- Brasil. (2015). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Diário Oficial da União.
- Brasil. (2016). Lei nº 13.409, de 14 de dezembro de 2016. Diário Oficial da União.
- Cisneros, L., Ibanescu, M., Keen, C., Lobato-Calleros, O., & Niebla-Zatarain, J. (2018). Bibliometric study of family business succession between 1939 and 2017: Mapping and analyzing authors' networks. *Scientometrics*, 116, 919–951.
- Dias, C. C. V., Silva, C. F., & Souza, L. K. (2021). Social representations of autism elaborated by university students. *Psico-USF*, 26(4), 631–643.
- Dymond, S. K., Meadan, H., & Pickens, J. L. (2017). Postsecondary education and students with autism spectrum disorders: Experiences of parents and university personnel. *Journal of Developmental and Physical Disabilities*, 29(5), 697–717
- Filser, L. D., Silva, F. F., & Oliveira, O. J. (2017). State of research and future research tendencies in lean healthcare: A bibliometric analysis. *Scientometrics*, 112(2), 799–816.
- Guimarães, M. C. A., Borges, A. A. P., & Van Petten, A. M. V. N. (2021). Trajetórias de alunos com deficiência e as políticas de educação inclusiva: Da educação básica ao ensino superior. *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, 8(2), 198–215.
- Huffman, J. M., Everett, A. L., & Reed, D. K. (2019). Preliminary investigation of a self-monitoring application for a postsecondary student with autism. *Advances in Neurodevelopmental Disorders*, 3(4), 368–377.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2023). Censo da educação superior 2023: Divulgação dos resultados. INEP.
- Kassar, M. C. M. (2016). Escola como espaço para a diversidade e o desenvolvimento humano. *Educação & Sociedade*, 37(137), 1223–1240.
- Kim, S. Y. (2022). College disability service office staff members' autism attitudes and knowledge. *Remedial and Special Education*, 43(2), 103–114.
- Kim, S. Y., & Crowley, S. (2021). Understanding perceptions and experiences of autistic undergraduate students toward disability support offices of their higher education institutions. *Research in Developmental Disabilities*, 113, Article 103956.
- McKenney, E. L. W., & Bristol, R. M. (2015). Supporting intensive interventions for students with autism spectrum disorder: Performance feedback and discrete trial teaching. *School Psychology Quarterly*, 30(1), 8–22.
- McLeod, J. D., Meanwell, E., & Hawbaker, A. (2019). The experiences of college students on the autism spectrum: A comparison to their neurotypical peers. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 49(8), 3072–3078.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred reporting items for systematic

- reviews and meta-analyses: The PRISMA statement. *PLoS Medicine*, 6(7), e1000097.
- Munimos, S. S. (2023). O aluno que desconcerta: Autistas no ensino regular. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(1), 1–16.
- Olivati, A. G., & Leite, L. P. (2019). Experiências acadêmicas de estudantes universitários com transtornos do espectro autista: Uma análise interpretativa dos relatos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 25(4), 729–746.
- Reed, D. K., Hallett, A., & Rimel, H. (2016). Note-taking instruction for college students with autism spectrum disorder. *Exceptionality*, 24(4), 250–268.
- Shibuta, V., Costa, I. F., & Santos, F. P. (2021). Inclusão do autista no ensino superior público. *Revista Psicologia, Saúde & Debate*, 7(2), 1–11.
- Silva, A. B. B., Gaiato, M. B., & Reveles, L. T. (2012). Mundo singular: Entenda o autismo. *Objetiva*.
- Tomelin, K. N., Dias, A. P. L., Sanchez, C. N. M., Peres, J., & Carvalho, S. (2018). Educação inclusiva no ensino superior: Desafios e experiências de um núcleo de apoio discente e docente. *Revista Psicopedagogia*, 35(106), 94–103.
- Vadnjaj, J., & Radoja, D. (2020). Business school teachers' experiences with a student with autism spectrum disorder. *C-E-P-S Journal*, 10(1), 167–182.
- Whalon, K. (2018). Reading development in learners with autism spectrum disorder. *Seminars in Speech and Language*, 39(2), 144–157.
- Werner, S. (2011). Assessing female students' attitudes in various health and social professions toward working with people with autism: A preliminary study. *Journal of Interprofessional Care*, 25(2), 131–137.